

POLÍTICA EXTERNA

Lula vai à Ásia para fortalecer parcerias

Presidente participará de debate sobre Inteligência Artificial e pretende fechar acordos comerciais com Índia e Coreia do Sul

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva embarca no início desta semana para mais uma viagem à Ásia, continente do qual se aproximou ainda mais em resposta ao tarifaço imposto pelos Estados Unidos desde o ano passado. O petista visitará a Índia e a Coreia do Sul, com roteiro de sete dias, para tratar de temas como os impactos da inteligência artificial (IA), minerais críticos e a ampliação do comércio com os dois países, incluindo um acordo entre Mercosul e Índia e a abertura do mercado sul-coreano para a carne brasileira.

O destaque da viagem será a Cúpula sobre Impacto de Inteligência Artificial, realizada na capital indiana, Nova Délí, entre quarta e quinta-feira. Lula fará um discurso sobre os riscos que a tecnologia traz para o mundo, como a divulgação de notícias falsas, discriminação disseminada por algoritmos e o enfraquecimento dos processos democráticos — como eleições. “São preocupações legítimas, que, naturalmente, farão parte do nosso posicionamento durante a Cúpula. Todo o esforço em termos de discussão justamente é sobre como você reforça a confiança nos sistemas de IA permitindo uma inovação responsável e ao, mesmo tempo, que beneficie a todos”, explicou o diretor do Departamento de Ciência, Tecnologia, Inovação e Propriedade Intelectual do Itamaraty, embaixador Eugênio Vargas Garcia.

Mais de 100 países confirmaram participação no evento, que está em sua quarta edição. Deses, 50 terão representantes de alto nível (como ministros), e 20 estarão com seus chefes de Estado na Cúpula, incluindo Bolívia, Guiana, França, Suíça, Emirados Árabes Unidos e Reino Unido. Em conversa com jornalistas na sede do Itamaraty, o embaixador Garcia destacou que será a primeira vez na história que um presidente brasileiro participa de um evento global de alto nível dedicado à IA. “Você vê que esse tema, anos atrás, não era tocado nos fóruns internacionais. Mas, como vocês têm acompanhado, hoje adquiriu uma conotação importantíssima”, explicou.

Também vão participar representantes de big techs como Microsoft, Google, OpenAI, Nvidia, Anthropic, Deepmind e Ericsson. A Cúpula terá como resultado

RICARDO STUCKERT/PR



Após a Cúpula, no sábado, petista será recebido pelo primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, para uma reunião a sós e para um encontro ampliado

principal uma declaração conjunta entre as nações participantes, mas que deve ser um documento curto, para que haja consenso. Também devem ser criados uma carta para difusão democrática da IA, uma rede internacional de IA para instituições científicas, e um guia para o avanço da infraestrutura resiliente em IA. O Brasil também participa de grupos de trabalho para criar um repositório de iniciativas em bases de dados abertas para aumentar a confiança nos sistemas de IA, e uma nota de orientação sobre a governança em inteligência artificial.

“No fundo, nós temos um desafio muito grande que é garantir o potencial extraordinário da tecnologia em termos de fomento, desenvolvimento e adoção de IA no Brasil, e, ao mesmo tempo, prevenir e mitigar riscos de curto, médio e longo prazos”, disse ainda Garcia. Em paralelo à Cúpula, na sexta-feira, o governo brasileiro realiza também o evento IA Para o Bem de Todos e Perspectivas Brasileiras Para o Futuro da IA, com a presença de

Veja o roteiro de Lula na Ásia

O presidente Lula fará uma nova viagem ao continente asiático nesta semana, onde tratará de temas como os impactos da Inteligência Artificial e acordos comerciais, incluindo a venda de carnes e a exploração de minerais críticos e terras raras. Veja o cronograma:

Índia

- » **17/02** — Partida de Brasília
- » **18 e 19/02** — Participação na Cúpula sobre Impacto de Inteligência Artificial em Nova Délí. No dia 19, o presidente discursa
- » **20/02** — Evento ministerial IA Para o Bem de Todos e Perspectivas Brasileiras Para o Futuro da IA
- » **21/02** — Visita de Estado: reunião com o premiê

Narendra Modi e participação no Fórum Empresarial Brasil-Índia

Coreia do Sul

- » **22/02** — Partida de Nova Délí
- » **23/02** — Visita de Estado em Seul: reunião com o presidente Lee Jae-myung e participação no Fórum Empresarial Brasil-Coreia
- » **24/2** — Partida de Seul rumo ao Brasil

ministros de Estado. Ao menos 10 titulares da Esplanada acompanham Lula na viagem, mas o Itamaraty não confirmou os nomes. Às margens do evento, o

presidente terá também encontros bilaterais com outros chefes de Estado e líderes empresariais, que ainda não foram confirmadas pela chancelaria.

Relação Brasil-Índia

Após a Cúpula, no sábado, Lula fará uma visita de Estado e será recebido pelo primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, para uma reunião a sós e para um encontro ampliado, com a presença de outras autoridades. Segundo o Itamaraty, a visita visa finalizar a Declaração Brasil-Índia Sobre Parceria Digital Para o Futuro e um memorando de entendimento entre o Ministério de Minas e Energia e o governo indiano sobre a exploração de minerais críticos e terras raras. Ao todo, oito atos devem ser assinados durante a visita do presidente Lula.

O petista também quer reforçar as negociações para a ampliação do acordo de comércio preferencial entre Mercosul e Índia, validar acordos para extensão da validade de vistos para negócios e turismo de cinco para 10 anos entre os dois países, e anunciar uma colaboração entre a Embraer e a empresa indiana Adani Defence and Aerospace. O campo internacional também terá destaque na conversa — Brasil e Índia possuem interesses em comum ao aumentar

a participação de países do Sul Global nas negociações externas.

“O presidente Lula e o primeiro-ministro Modi terão a oportunidade de trocar impressões sobre a conjuntura mundial. Em particular, os desafios ao multilateralismo e ao comércio internacional, e a necessidade de reforma abrangente das Nações Unidas e de seu Conselho de Segurança. Os dois líderes deverão também reiterar seu compromisso com a paz em Gaza, com respeito à soberania das nações e à democracia”, disse a secretária de Ásia Pacífico do Itamaraty, Susan Kleebank. Após a reunião, Lula e Modi participam do Fórum Empresarial Brasil-Índia. Os dois países possuem a meta de elevar o fluxo comercial para US\$ 20 bilhões até 2030. No ano passado, o total foi de US\$ 15 bilhões, aumento de 25% em relação ao ano anterior, e maior valor da série histórica. O brasileiro embarca para a Coreia do Sul no domingo.

Coreia do Sul

Na segunda-feira da próxima semana, Lula fará a primeira visita de Estado a Seul e terá uma reunião fechada e uma ampliada com o presidente Lee Jae-myung. O petista esteve na Coreia do Sul em 2005 e em 2010, mas o encontro não teve o mesmo status diplomático — nesse tipo de visita, o representante do país estrangeiro também se reúne com os chefes dos demais Poderes do país anfitrião.

“A visita sedimenta sim a ótima relação entre os dois presidentes, e simboliza a importância que Brasil e Coreia conferem à relação bilateral estabelecida há mais de seis décadas”, disse a embaixadora Susan Kleebank. O principal acordo que será assinado é o Plano de Ação Trienal 2026-2029, que eleva a relação diplomática de “parceria cooperativa abrangente” para “parceria estratégica”.

O comércio também é foco da visita. Em 2025, o fluxo foi de US\$ 10,8 bilhões, com superavit de US\$ 174 milhões para o Brasil. A Coreia do Sul é o quarto maior parceiro comercial do Brasil na Ásia, e 13º maior no mundo. “Buscamos aprofundar nossa relação comercial com a Coreia, com destaque para a abertura de mercados agropecuários como carne bovina e carne suína, além da atração de investimentos e ampliação de comércio em produtos de maior valor agregado”, explicou a embaixadora. Lula também participa do Fórum Empresarial Brasil-Coreia do Sul, antes de voltar ao Brasil, no dia 24 de fevereiro.

COMUNICAÇÃO

Livro analisa como as redes sociais afetam a democracia

» CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA

A política nunca mais será a mesma por causa das redes sociais. A disrupção provocada pela ascensão da comunicação digital desmontou o tradicional modelo de alianças partidárias e de estratégias de campanha; subverteu o padrão de financiamento eleitoral; e elevou o extremismo político a níveis há muito não vistos. Essas mudanças forçaram uma nova configuração do jogo político, que ficou mais instável e mais perigoso. E, em vários casos, coloca a democracia em xeque.

No reino das mídias sociais, um indivíduo sem trajetória política, um “outsider”, tem condições de varrer os adversários da corrida eleitoral. Donald Trump e Jair Bolsonaro impuseram novos parâmetros em comunicação política digital, desbancando candidaturas mais alinhadas ao establishment, que determinava o tempo de televisão e grandes acordos partidários como ativos indispensáveis. Em passado recente, o fenômeno Pablo Marçal ficou muito perto de disputar o segundo turno com Ricardo Nunes nas eleições para a prefeitura de São Paulo. Faltaram apenas 55 mil votos — uma diferença inferior a 1 ponto percentual em relação ao atual ministro Guilherme Boulos — para o “rei dos cortes” ir para a disputa final na maior cidade do país. Vitoriosos ou derrotados, os políticos desse admirável e assustador mundo novo digital têm forte influência sobre o eleitor. E desafiam o arranjo

institucional, muitas vezes ainda preso a uma lógica ultrapassada.

As mudanças na comunicação política e os desafios na regulação dessas transformações estão no foco do livro “A nova regra do jogo”, de Arthur Ituassu. Diretor do departamento de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), ele também integra grupos de pesquisadores que se dedicam a estudar a erosão democrática em curso em diversos países.

Em linguagem acessível, mas com rigor e formato acadêmico, “A nova regra do jogo” explica a mudança radical que ocorreu no ecossistema midiático ao longo dos últimos 70 anos. Ituassu reconstitui o modelo de broadcasting, marcado por um único emissor de informação, com predomínio da televisão a partir dos anos 1950. Ao longo do tempo, esse modelo foi substituído por um desenho multipolar, no qual diversas fontes de informação passam a interagir.

O momento decisivo ocorre na virada do século 21, com o advento de um sistema pulverizado no ambiente digital. Mais importante: a comunicação entre político e eleitor se desloca dos jornais e da televisão — veículos que serviam como espécie de “guardiões do portão” que dava acesso à opinião pública — e passa a ocorrer diretamente, sem intermediários. Eis aí o ponto de mutação.

A partir do momento que políticos deixam de depender de uma

Weiler Finamore



Arthur Ituassu: democratização, desinformação, segmentação e radicalização marcam novo paradigma

grande infraestrutura midiática e passam a disseminar suas ideias sem intermediários, a política sofre uma transformação radical. E a democracia passa a enfrentar sobressaltos, com a ascensão de políticos radicais, populistas e de tendência autocrática. No reino das mídias digitais, o radicalismo é um ativo poderoso — e nem sempre precisa ser direcionado a todas as plateias. A segmentação típica das plataformas permite

um candidato ter um discurso conservador para um grupo de devotos em determinada rede e, ao mesmo tempo, posar de liberal para uma comunidade estudantil. Não há mais escrúpulos para coerência.

A realidade fragmentada, recortada, radical e instantânea da política contemporânea impõe quatro consequências marcantes no ambiente digital: democratização, desinformação, segmentação e radicalização.

Esse conjunto de fatores, controlado por megaconglomerados da tecnologia, significa, na avaliação de Ituassu, um desafio para uma das grandes conquistas da civilização moderna: a democracia liberal. O autor evita estabelecer uma relação direta entre mídias sociais e a radicalização política, mas traça um paralelo entre as transformações na comunicação do século 21 e a democracia “em recessão prolongada, marcada por

retrocessos em direitos, participação, liberdades e representatividade”.

“Ninguém está dizendo que a democracia está em crise por causa das mídias sociais ou das mídias digitais, mas há, sim, uma série de fenômenos hoje relacionados tanto com a crise da democracia quanto com as mídias sociais, como a radicalização da política, a desinformação, a segmentação, a polarização e o retorno do populismo em sua forma digital.”

Serviço



A nova regra do jogo: Mídias digitais, política e democracia, de Arthur Ituassu

FGV Editora. Disponível em formato digital e impresso.